

## O silêncio de Erich Zann

(de KA-AK-KIM)

Do outro lado da calçada, há alguém que escuta os acordes e a música de Erich Zann. Alguém que habita a Rue D'Auseil sem preencher espaço, e atravessa com o olhar o velho casario retorcido e pasmoso. De frente à janela do sótão, ocupada pelo mutismo fugidio do alemão e a bela melodia que exala, ergue-se poderosamente curva uma pequena mansão, um breve palacete de não mais que quinze pés de altura. Os olhos azuis do violista percorrem toda a extensão do cômodo pelo fio de luz que escapa do vizinho devassado e perde-se na encosta para detrás do muro que finda a alameda.

A Rue D'Auseil é uma estreita viela que se desdobra além da ponte sobre o rio que corta a cidade baixa. O rio é negro como a noite que banha os bairros escondidos sob a sombra da vertente amaldiçoada. Ainda assim, ainda que responsável pelas trevas que abatem o lugar, ainda que eminentemente à vista, a Rue D'Auseil é embrumada pelo nevoeiro misterioso que recende das águas enegrecidas do riacho, um odor fétido e putrefato que corrói as bases da ponte que o cruza. Sem a ponte, a Rue D'Auseil perde-se para sempre. Sem a rua, perde-se a ponte.

A pensão em que Erich Zann faz sua morada é uma velha casa desmoronadiça, cujo senhorio, Monsieur Blandot, é um velho paralítico e rabugento. Blandot dá a Zann muito mais do que abrigo, ele lhe dá proteção. O violista sabe que em qualquer outro canto da cidade, não estaria a salvo de enlouquecer. Mas na velha pensão da Rue D'Auseil, ele repousa em paz, executando seus acordes sobrenaturais nos exercícios que varam a madrugada. A música de Erich Zann é um gemido de horror.

Solidamente diferentes da sinfonia que executa, por vezes, até a aurora, as peças calmas e harmoniosas que toca na orquestra do teatro em que se apresenta são marchinhas quase infantis. O solitário músico contempla estasiado a ribalta como se estivesse diante do panorama aberto da cidade que desce a seus pés. Monsieur Blandot aconselhou-o a hospedar-se no sótão intuitivamente: não podia imaginar a semelhança entre as trevas da cochia e a vigília soturna da Rue D'Auseil.

A Rue D'Auseil não figura em qualquer mapa urbano, sua existência se restringe ao conhecimento de uns quantos seus moradores, todos velhos sóbrios e curvados como os casarões de que são proprietários. Mesmo a universidade e os barracões que guardam a

travessia da ponte ignoram a ladeira íngreme que se eleva a partir da colina, terminando em um reto e colossal precipício. A pensão do velho Blandot é o prédio mais alto da rua, contando, ao todo, cinco pavimentos e a minúscula água-furtada. Da janela do lado esquerdo do sótão, pode-se distinguir o sombrio dos telhados à holandesa, apontando agudos como setas, de prontidão no etéreo embrumecido das duas margens da quelha.

À noite, os olhos azuis de Erich Zann espelham vítreos a cidadela insone. O músico ocupa o último pavimento, livre de incautos vizinhos, em um aposento que só lhe cabe e lhe cabe mal. Mas Monsieur Blandot, a despeito de sua rabugice, o hospedou com toda a benevolência. De cima a baixo, há pensionistas apenas a partir do terceiro pavimento: um velho agiota e um respeitável estofador; um quarto vazio. Blandot deixou o segundo andar para a viúva Marianne, uma enigmática cortesã. Ele próprio ocupa o térreo, dividindo-o com o refeitório, a cozinha e a sala-de-estar. Volta e meia, um jovem da universidade pleteia um aposento. Blandot só lhe dá abrigo após um longo interrogatório, e, assim mesmo, vigia-o atentamente nas primeiras semanas. Seja pela rabugice do velho senhorio ou pela esquisitice da música de Zann, que à noite vaga livremente pela casa, os universitários não duram muito. Pela esquisitice da música de Zann, outrossim, os quarto e quinto pisos da mansão ficam a maior parte do ano sem vida. Apenas Mademoiselle Margot os locupleta, quando visita os cômodos da mansão semanalmente para a faxina.

Mademoiselle Margot é uma bela francesinha. Seus cabelos negros como linhito, até a altura do maxilar. A pele alva, o rosto peloso para uma dama. É de família pobre. Às quintas-feiras, atende aos desígnios do paralítico Blandot, escuta suas lamúrias e o encara quando ele a agarra pelo quadril e a apalpa. Margot acha o velho um sujeito asqueroso, mas precisa do dinheiro. Ela sonha um dia não ter mais de atravessar a ponte para chegar à Rue D'Auseil. Sonha com o dia em que não tornará à Rue D'Auseil. No entanto, Margot sabe demais. É ela quem, por exemplo, limpa e arruma a cama de Erich Zann, ajeitando os largos lençóis de Blandot sobre o fino colchão de espuma tenra que repousa sobre o estrado. Ela jamais viu o músico. Talvez, apenas de relance, mas não o desconfiaria. Se Mademoiselle Margot soubesse quem fosse Zann, ela não voltaria à pensão da Rue D'Auseil.

Quem jura jamais tornar à Rue D'Auseil esquece-se de onde ela fica. Não é sequer capaz de localizá-la nos mapas da cidade. Essa talvez seja a providência divina para que os segredos embrumados da alameda perdida por detrás da ponte não sejam profanados. E talvez seja esse o motivo que una Erich Zann à Mademoiselle Margot: são eles os únicos dois além

dos estudantes de metafísica da universidade que têm acesso irrestrito às idas e vindas da ladeira estreita. Os estudantes e Margot sabem que seu destino é apenas provisório. Provavelmente um dia estarão livres para optar esquecer-se da Rue D'Auseil. Esse certamente não será o fim de Erich Zann, pois que o violista sabe-se preso à pequena rua por toda a eternidade. E, justamente para evitar o caos da boataria, os espíritos das trevas o fizeram mudo.

Sem conseguir pronunciar mais do que sílabas guturais, o velho alemão vive recluso com sua música. Comunica-se com os vivos por escrito. Raras vezes é visto pelos corredores da pensão, dado o seu hábito noturno. A viúva Marianne diz já tê-lo encontrado certa vez, acompanhado de um jovem pianista e belas e sensuais donzelas dançarinas, executando peças de um cabaret francês. Ela não é capaz de descrever as feições de Zann, porque conta que o músico estava encoberto pelas luzes do teatro. A história de Marianne não é confirmada pelo violista pelo simples fato de que ambos nunca se cruzaram em outra ocasião.

A viúva Marianne é loira, tem os cabelos ralos e compridos. Sua face pontuda e magra guarda as marcas da idade avançada. As coxas musculosas terminam em pernas caniças. Está sempre envolta em um xale tricotado preto, com o qual mantém intata sua viuvez. Chamam-na viúva por força do hábito, já que jamais se mencionou qualquer esposo. Marianne costuma posar empunhando sua piteira diante dos músculos contraídos do orbicular bucal. Quando os outros hóspedes lhe perguntam o que acha de Zann, ela franze o cenho, contrai os orbiculares e traga algo de desconfiança.

A pensão de Monsieur Blandot exala inteira desconfiança. Mesmo quem não a conhece desconfia de que o lugar possa existir. Apenas o músico alemão não desconfia que sua aterradora melodia possa ser ouvida dos outros cômodos. O parálítico Blandot já perdeu alguns quantos estudantes de metafísica, descontentes com o insuportável barulho nas madrugadas. O imenso agiota do terceiro andar não nota os acordes de Zann porque adormece profunda e regularmente às onze horas. Ele ressona como uma mandrágora enternecida.

O quarto de Zann, favorecido pela carência financeira do violista, apresenta a boa acústica de um único catre de ferro, uma mesa pequena, uma estante com alguns livros e álbuns de partituras, um diminuto cavalete para apoiar tablaturas e três cadeiras de armação de vime. Exceto pelo diapasão das molas do catre, o restante do aposento do alemão é tão silencioso quanto ele. A menos quando se abre a guilhotina da água-furtada e o incessante

ranger melódico do vento contra as cortinas do quarto corre o marejar denso da bruma da Rue D'Auseil.

Todas as noites, após seu retorno do teatro, Erich Zann mantém o fraque para uma última sonata no cadafalso imaginário do sótão de Blandot. Os gestos zangados e amedrontados são trocados por mãos vigorosas, dispostas a estrangular o vento que sopra inimigo por através da janela. Com a janela fechada, Zann não consegue tocar.

Mademoiselle Margot sabe que deve começar a faxina do térreo para o quinto piso, não apenas para satisfazer os abomináveis desejos do paralítico Blandot, mas também para aguardar tediosamente que o extravagante músico alemão acorde e a deixe entrar. Margot não cruza com o violista, porque invariavelmente ele sai assim que se dá conta de que é dia de limpeza. Ela está ocupada encerando o andar em que vivem o agiota e o estofador. O próximo piso será mais fácil porque não há hóspedes criando lixo e o lugar estará vazio.

Em cada andar, a mansão de Monsieur Blandot sobe do soalho às paredes em papel gofrado, rodapés sombrios e espelhos rotundos aninhados sobre cómodas esguias, corredores imensos e pavorosamente estreitos. Margot se sente claustrofóbica cada lance de degraus que ascende. Ela sonha com o magistério em uma creche da rede pública parisiense, mas teme que os olhares inquisidores das crianças a deprimam. Margot abre a guilhotina de Zann para ventilar o cheiro mórbido dos aposentos do violista. Ela não sabe exatamente por que, mas sente-se fraca e debilitada cada vez que cruza a ombreira do quarto à direita do sótão.

Jamais Mademoiselle Margot avistou os olhos vítreos de Erich Zann, mas, apesar de não conseguir suportar a atmosfera lúbrica de seu quarto, ela o venera carinhosamente. Ao deitar o catre de ferro, transpõe e empilha toda a papelada do velho músico. Ela ignora a idade de Zann, mas se afeiçoa à caligrafia e à escrita pautada dos acordes nas pautas. Em seguida, a camareira separa em dois grandes blocos o acúmulo de partituras manuscritas. Erich Zann não lhe dá valor. Em uma das pilhas, as pautas são todas encimadas pelo misterioso título “Eu”. A outra ruma atende pelo nome de “Ele”.

A jovem vestal não é capaz de entender o desígnio das partituras, apenas lhes tira o pó e as classifica. Mas sabe que os dias produzem novas cifras musicais, conforme os espetáculos noturnos se sucedem na água-furtada. Erich Zann ensaia sua canção sobrenatural com acordes inimagináveis para ouvidos humanos. Não raro, enquanto toca, o violista avista assombrado os braços do vento empurrarem com violência o bambear dos vidros e dos poros da cortina. Um urro alísio em resposta a um toque mais enérgico. Zann está hipnotizado

diante da janela. Ele olha amedrontado, mas segue empunhando o instrumento musical. Se naquele instante Mademoiselle Margot irrompesse em seu quarto e lhe pedisse que tocasse para ela, a serenata desconcertante seria um ou outro acorde ordinário que nada lembraria a música embrumada de Erich Zann.

Monsieur Blandot dorme profundamente. Na manhã seguinte, antes que Zann retorne de sua caminhada vespertina, ele usará a chave reserva para invadir o sótão e folhear o diálogo em partituras. O dono da pensão já leu muitos bilhetes do mudo Zann. Bilhetes que lhe eram destinados e que não tanto. Os epistolários musicais também são revirados. Ele abomina Zann por sua música, conquanto não a ouça nas madrugadas agitadas da Rue D'Auseil.

Erich Zann está cansado. A estafa lhe impede de levantar o arco para a próxima nota. Mas, do outro lado da calçada, uma força leviana e ignota entoa uma resposta e anseia por uma nova pergunta. Se estivesse ali, no quarto, Monsieur Blandot certamente impediria o alemão de parar de tocar. Mas os fátigos infinito e o alívio da penumbra traduzem o sono do pensionista. Zann está cansado mas algo não o deixa repousar. Uma lufada sobrenatural atira o cavalete no chão do sótão. O estrondo faz levantar o respeitável estofador, que, em seguida, observa de sua janela um estranho fogo-fátuo surgido do casario ao fundo da ladeira. Ele ressona. Erich Zann já não executa sua música por prazer. Ele tem medo. A barba oleosa e grisalha por fazer. Sua face grotesca de sátiro se retorce de pavor.

Do outro lado da calçada, há um ganido à espreita, que sabe a música de Zann ser impossível de executar-se por apenas uma pessoa. Erich Zann toca de cá, um djim o retruca. Nenhum universitário da faculdade de metafísica jamais desconfiaria. Para além da ponte, longe da névoa que encobre a Rue D'Auseil, há uma cidade que vive. Do outro lado da janela que também é espelho, no último andar da mansão de Monsieur Blandot, não há viv'alma, o que, no fim, comprova a tese do velho paralítico em manter o violista em cárcere privado, até que possam ser decifrados os duelos orquestrais entre Zann e o djim. Ou até que o espírito errante da Rue D'Auseil possa se confirmar o filho violista falecido de Monsieur Blandot.